

Estreia

Quando a realidade vira ficção

Baseado no livro de mesmo nome, dos autores Carlos Graieb e Ana Maria Santos, 'Polícia Federal - A Lei É Para Todos' se mostra parcial

Giovanni Oliveira
giovanni.oliveira@diariosp.com.br

Nem toda história que a gente assiste no cinema é inventada. A prática de levar um fato real para as telonas é bem comum, principalmente quando este fato entra para a história de um país ou até do mundo. Além disso, este é um meio de eternizar aquele momento para as futuras gerações. Muitas vezes, o resultado dessas adaptações é positivo, como o drama "Spotlight - Segredos Revelados", que contou a história de abusos sexuais de menores por padres americanos. No cinema brasileiro, temos alguns exemplos de filmes sobre momentos históricos, como o recente "Real - O Plano Por Trás da História". Neste fim de semana, mais uma produção do gênero entra em cartaz: "Polícia Federal - A Lei É Para Todos", que conta a história dos bastidores da Operação Lava Jato. Mas será que tudo o que aconteceu é exibido na tela?

Dirigido por Marcelo Antunes, que comandou a sequência "Até Que a Sorte nos Separe 3 - A Falência Final", o longa baseado na maior operação anti-corrupção do nosso país pode ser avaliado sob duas óticas distintas: técnica e factual. Pela primeira, o filme se mostra um bom entretenimento. Munido de ótimos cenários e locações, boas cenas de perseguição e um ritmo interessante que mantém o espectador alerta o tempo todo, o longa tem um estilo nunca antes visto no cinema nacional, mas muito utilizado em filmes norte-americanos. Os papéis de heróis e vilões são bem claros. Porém, pelos personagens serem inspirados num amontoado de pessoas reais, os protagonistas acabam por transparecer um pouco de superficialidade. As atuações são plásticas e poucas vezes soam verdadeiras.

Do ponto de vista factual, o



Divulgação

filme enfrenta um grande desafio: ajustar em pouco menos de duas horas uma trama tão complexa. São muitos nomes, conexões, reviravoltas... E muitos pontos desta história são de conhecimento público, logo, as expectativas são grandes por parte da audiência. Assim, tendo em vista tais limitações, o filme opta por uma narrativa simplificada, sob o ponto de vista da Polícia Federal. Tal escolha acaba entregando um filme parcial e maniqueísta, que, de maneira intencional ou não, omite pontos importantes da trama real. E se tratando de filme baseado em fatos reais e políticos, ser imparcial é requisito mínimo para entregar um bom trabalho. Enfim, o longa tem seus erros e acertos como qualquer produção. Resta esperar uma melhora na continuação (anunciada durante uma cena pós-crédito).

VOSSA EXCELÊNCIA
O ator Marcelo Serrado ficou responsável por dar vida ao juiz Sérgio Moro, porém, ele não aparece muito no filme.

'Uma deturpação da função policial', diz dirigente sindical

■ Em entrevista ao DIÁRIO, Alexandre Sally, presidente do Sindicato dos Servidores Públicos Civis do Departamento de Polícia Federal no Estado de São Paulo (SINDPOLF/ SP), deu a sua opinião sobre o que achou do filme. "Enquanto entretenimento é interessante porque dá uma visão positiva para a sociedade sobre a Polícia Federal. É um marketing bom, positivo, mas está longe de ser real. Não diria que é excepcional. É morno, mas é vibrante. Tem uma boa trilha sonora, as imagens das viaturas da PF, do serviço em si, é muito legal, dá orgulho de ser Policial Federal", avalia. "Porém, do ponto de vista interna corporis, é uma deturpação deslavada da função policial, porque os delegados, no filme, usurparam funções dos agentes e de escrivães", comple-

ta. Segundo Alexandre, que assistiu o filme em uma pré-estreia especial, 90% das atividades feitas pelos delegados no filme não são de sua responsabilidade na vida real. Ele ainda comenta sobre o que ficou faltando no longa. "Faltou a expressão da realidade do sistema de investigação, a realidade do dia a dia policial! Em nenhum momento se fala no Inquérito Policial e não se verifica ali a execução do inquérito, que é o instrumento da única função do Delegado", revela. "É como o próprio diretor falou na sala em que eu estava na pré-estreia: o filme é um entretenimento. E, como tal, por não ser um documentário, possui muita perfumaria e ficção. E o que não falta no filme é ficção. A investigação policial foi muito romantizada", conclui.